

O ESPAÇO ENQUANTO LUGAR DE CONFLUÊNCIAS: UMA ABORDAGEM CULTURALISTA DA TRILOGIA DE ANTÔNIO TORRES

Amanda da Silva – UEFS

Abordar o tema “espaço” tendo como foco de análise a obra literária requer uma observância rigorosa ao sentido que este irá representar. Por ser um termo que possui relevância teórica em diversas áreas do conhecimento, primeiramente deixamos claro que este trabalho é de natureza interdisciplinar, por dialogar com diferentes áreas do conhecimento como a geografia, a sociologia, a história, os estudos culturais, mas tendo como base a literatura, aqui representada pela trilogia do escritor baiano Antônio Torres, mais precisamente os romances *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). O espaço que abordamos tem por base teórica os estudos de cunho culturalista, que vêem o espaço “como categoria de representação, como conteúdo social – portanto reconhecível extratextualmente - que se projeta no texto” (BRANDÃO, 2008, p. 67). Desta perspectiva, o termo remete a vários outros conceitos que estão intercalados com este de alguma forma, como por exemplo, território, fronteira, local, global, dentre outros.

Os romances de Torres, citados acima, narram o complexo processo de migração dos nordestinos para a cidade de São Paulo, bem como a encruzilhada cultural a que são lançados. Estas obras inserem-se no contexto da pós-modernidade, esta marcada por uma nova ordem mundial de mobilidade, de histórias sem raízes, de estadias efêmeras que acabam por entrelaçar, chocar e sobrepor os elementos culturais.

Os romances de Torres apresentam uma temática cara aos estudos culturais e sociais contemporâneos: a mobilidade/deslocamento, questões de identidade, de (dês) territorialização, tudo isso demonstrado na trajetória do personagem Totonhim que é o protagonista dos três romances e é através de sua trajetória que buscaremos uma compreensão desses aspectos nos romances em questão.

Michael Foucault (2001, p. 411) afirmou que

A época atual seria de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo. Do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta [...] menos como uma grande via

que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama.

Esta descrição nos leva a considerar as justaposições, as sobreposições, os entrelaçamentos como os elementos norteadores da época atual, e essa trama entrecruzada, da qual nos fala o autor, seria o modo de vida, as negociações sociais e culturais que se estabelecem entre os indivíduos em meio a essas justaposições/sobreposições. Esta sociedade traz o conflito como a norma possível. Os acessos são disjuntivos pelo fato de nem todos usufruírem de tudo que o espaço oferece, fragmentados por conta da incongruência dos processos de negociações entre os sujeitos. Como disse Certeau (1996 p. 202), “o espaço é um lugar praticado, que passa a existir em decorrência do cruzamento de movéis [*pessoas*¹]”.

Torres ambienta *Essa terra e O cachorro e o lobo* no Junco, cidadezinha do interior baiano. No primeiro, Totonhim assiste à volta do irmão Nelo da cidade de São Paulo, um vencido pela cidade grande que vem se suicidar na terra onde nasceu; no final Totonhim decide fazer o mesmo percurso com o intuito de construir uma outra história. O segundo trata da visita de um dia que Totonhim faz ao Junco, depois de vinte anos em São Paulo. Já o romance *Pelo fundo da agulha* é um relato de crises vividas pelo personagem, depois de vinte anos da visita a sua terra de origem. Totonhim refaz o percurso de sua trajetória de vida e revisita as cidades por onde passou, dentro de um plano imaginário entre sono e vigília, fragmentos de memória e hipóteses do que foi ou poderia ter sido a sua história.

Nos livros anteriores, São Paulo já se apresentava como um contraponto ao Junco, o que não se limitava a uma simplista oposição cidade/campo. Aqui, São Paulo equaciona a grande metrópole com seus núcleos de imigrantes e seus conflitos e estabelece relação com o mundo globalizado, através de outras cidades geograficamente denominadas ou simbolicamente imaginadas.

Instalados nesse espaço conflituoso, os indivíduos vivem na dimensão da espacialidade, mas não abrem mão dos lugares, querem-se os percursos e precisa-se dos mapeamentos. Nessa perspectiva, os conflitos organizam e desorganizam os modos de experimentar e viver o mundo.

¹ Grifo nosso.

Pós-colonialismo, globalização econômica e cultural, fronteiras e deslocamentos

Os chamados estudos pós-coloniais ganham espaço nas academias e se voltam para questões referentes aos países que foram colonizados ou tiveram em sua formação conturbações de ordem política, econômica, militar e que de certa forma interferiram no social e no cultural.

Segundo Bhabha (2005, p. 306), “Rever a questão do espaço global, a partir da perspectiva pós-colonial é remover o local da diferença cultural do espaço da pluralidade demográfica para as negociações fronteiriças da tradução cultural”.

Dentro desses espaços entram as culturas globais, que surgiram com a tentativa de homogeneização das culturais locais/nacionais, para o âmbito global, isso feito por meio do processo de globalização. De acordo com Appadurai (1999, p. 324), “O aspecto da cultura global atual é a política do esforço mútuo da igualdade e da diferença”. Essa controversa afirmativa ancora o ponto crítico desse processo de cultura global atual, “numa cena caracterizada pelas disjunções entre diferentes espécies de fluxos globais e os panoramas incertos criados nestas e através dessas disjunções” (APPADURAI, 1999, p. 325).

Além do passado de colonizado que temos e com as múltiplas divergências que sempre perpassaram as questões sociais e culturais no país, de uns anos pra cá vemos despontar questões outras que já não se referem à nacionalidade, que já foi tão buscada. O que se coloca em questão no momento são as divergências causadas pelo liberalismo econômico que culminou na era pós-moderna, a era da homogeneização econômica e da mutável globalização.

Antônio Torres cria entre-sujeitos ambivalentes, procurando os fragmentos das suas identidades quebradas entre raízes e rotas num país fronteirizado. Utilizando o silêncio como metáfora de uma comunicação intracultural baseada em diferenças regionais e, neste processo, reescreve a cultura como um efeito de significação antagonico produzido por relações entre regiões diferentes dentro do espaço-nação.

Estão “fadados” à errância, entre o passado, presente e futuro, movem-se de uma desterritorialização a outra dentro de uma sociedade que não os preparou no passado para o presente, nem os prepara para o futuro. Sociedade esta que vive a era da chamada pós-modernidade em que identidades são questionadas a todo instante, em que

fronteiras simbólicas são mais “fixas” do que as geográficas, por seu poder de interferir diretamente na vida do sujeito.

Nessa perspectiva destacamos as conseqüências das migrações na vida desses sujeitos, seus dramas existenciais, pois não é fácil adaptar-se a outra forma de vida, a outra cultura, principalmente na era da industrialização, do capitalismo selvagem que “devora” as pessoas, lentamente.

Utilizamos também o conceito de disseminação, que segundo Bhabha (2007), seria a dispersão dos povos e estaria interligada a um localismo temporal (não histórico), uma "transposição" dessas pessoas em um outro espaço, uma forma de vida ligada à 'afiliação' social e cultural, bem como em termos de mundo globalizado. No caso do nosso trabalho, esse processo ocorre no mesmo espaço-nação, são fronteiras nacionais. Para Bhabha, isso ocorre por conta das "manobras ideológicas" de quem está no poder em 'criar' "comunidades imaginadas", na tentativa de homogeneizar o que é plural e "converter o Povo em Um". Ou seja, é um processo de desestruturação do ser ao qual se juntam a disseminação da identidade, do senso de pertencimento a alguma comunidade local - o que acaba por proporcionar a ilusória “agregação” a uma comunidade global “imaginada”.

Esse processo pode ser notado em todos os romances estudados, porém está mais fortemente evidenciado em *Pelo Fundo da Agulha*, um romance psicológico que traz o peso de uma vida "vazia", de uma identidade despedaçada sem completude em qualquer sentido.

Vejamos a impressão que a cidade e a vida moderna deixaram em Totonhim: "Era outra a cidade, e outro o país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios" (*Pelo fundo da agulha*, 2006, p. 7). Esse fragmento nos mostra a dimensão do que a aposentadoria de Totonhim fez despertar na consciência de vida do personagem: “outra cidade” que não era certamente o Junco, lugar de memória; “outro país” que não era o que se imaginou um dia; “outro mundo”, com um modo de vida totalmente diferenciado; enfim o “outro” que reflete ele próprio, que embora seja a “mesma” pessoa, não tem mais a completude do seu ser, pois vive a fragmentação de sua identidade e a incompreensão desse processo.

Para Roland Walter (2006), esta disseminação global da economia e da cultura, baseada num paradigma liberal, tem que ser visto junto com as raízes culturais locais,

baseadas num paradigma tradicional (e em geral mais conservador). Em outras palavras, a globalização alimenta-se da tensão entre coesão e dispersão, raízes fixas e rotas rizomáticas, homogeneização e heterogeneização, fronteiras abrindo para seus espaços fronteiriços e fronteiras fechadas. Em termos culturais, portanto, a globalização poderia ser vista enquanto encruzilhada mediada por transculturação: as diversas maneiras de elementos culturais se encontrarem e se renovarem no espaço glocal.

A globalização segundo Giddens (1990, p. 64) seria “a intensificação das relações sociais mundiais que ligam locais distantes de tal maneira que acontecimentos locais são moldados por eventos que ocorrem a muitas milhas de distância e vice-versa”.

Já a encruzilhada cultural poderia ser definida enquanto lugar de confluência de processos econômicos, políticos, culturais e psíquicos. Como o lugar onde várias posições de sujeito se cruzam ou são justapostas, contestadas, afirmadas e negadas e onde aquilo que é aceitável/permisível e aquilo que é proibido/transgressivo se encontram. Portanto, é aquele lugar onde as genealogias dos dispersos se entrelaçam com aquelas dos nativos enraizados. Os personagens torresianos, fracassam porque não conseguem compreender uma realidade complexa e esmagadora, uma realidade de crises vividas.

Como disse Bhabha (2005), as manobras ideológicas são as armadilhas que induzem o sujeito a uma “afiliação cultural” imaginária, pois dificilmente um nordestino vai ser um sulista algum dia, vai sempre ter resquícios de um pertencimento que ficou para trás e que não foi esquecido. O personagem Totonhim vive o drama de ser um nordestino funcionário público aposentado, que mesmo depois de 40 anos vivendo em São Paulo não se sente pertencente àquela cidade, sua vida gira em torno de um passado, do seu passado no interior do nordeste, onde imaginava ser seu lugar, ao qual imaginava pertencer.

Appadurai (1999, p. 312) argumenta que “A nova economia global procura ser interpretada como ordem disjuntiva, superposta e complexa, que não pode mais ser interpretada em termos de centro e periferia existentes”. Como constata Totonhim, “A gente está sempre indo e vindo. Essa terra é a nossa sina. O destino dessa terra. Ir e vir, vir e voltar”. Portanto, sem um destino certo, um interstício onde se negocia com o social e com o cultural para viver.

Portanto, o “espaço da pluralidade demográfica” há muito já não suporta mais essa questão, pois legitimar as diferenças intra-regionais não resolve; é preciso, ao menos, tentar compreender como, por meio dos deslocamentos, dos fluxos de pessoas dentro do espaço-nação, acontece o choque cultural - e porque não social? E as conseqüências que estes trazem para os indivíduos que os vivenciam. Em *Pelo fundo da agulha* (2006, p. 28), Totonhim expressa sua condição de “exilado” dentro do espaço-nação quando diz: “Agora cá estava. Sim, com meio caminho andado, entre o passado e o futuro. Ainda não avistara o sinal verde franqueando-lhe a passagem, no viaduto entre os dois tempos”.

A questão das negociações fronteiriças é um outro ponto que emerge quando tratamos de mediações culturais, pois, como disse Certeau (1996, p. 214), “A fronteira é um vácuo simbólico narrativo de intercâmbios e encontros”. Então, como caracterizar/compreender algo que é em si um vácuo, o que é negociável nessa dimensão?

Segundo Roland Walter (2002), em seu livro *Narrative Identities*, a mobilidade, o movimento são as pistas iniciais para encontrar os limites das fronteiras no mundo contemporâneo. Neste, o movimentado fluxo de pessoas, economia global flexivelmente interconexa, capitais flutuantes, relativização do movimento físico por conta das redes de informações - afeta de forma diversa indivíduos e grupos humanos nos diferentes locais.

Zygmunt Bauman (2002), em seu livro *Modernidade líquida* traz a baila essa problemática, e vai mais longe quando diz que as diferenças podem ser tornadas invisíveis ou impedidas de serem percebidas. Citando o termo cunhado por Jerzy Kociatkiewich e Monika Kristeva dos “espaços vazios”, diz que “os espaços vazios são antes de mais nada vazios de significado” e que nestes “a questão da negociar diferenças nunca surge: não há com que negociá-la” (Idem, p. 120). Totonhim se sente nessa dimensão, quando se vê entre os dois tempos sem ter com quem dividir a sua angústia.

Como afirma Eagleton (2005, p. 38),

Não existe apenas um único tamanho ideal de sociedade a qual pertencer, nenhum espaço sapatinho de cristal. O tamanho ideal de comunidade costumava ser conhecido como estado - nação, mas

mesmo alguns nacionalistas já não vêem mais isso como o único âmbito desejável.

Portanto, esse novo espaço que se nos apresenta influi na nova ordem social e cultural que vivenciamos pois, não se concebe mais a cultura, a identidade e as fronteiras como coisas fixas, pertencentes aos indivíduos. Eagleton ainda coloca que “precisamos imaginar novas formas de pertencimento – que em nosso tipo de mundo, tenderão a ser múltiplas, em vez de monolíticas” (Idem, p. 38).

Outro ponto importante a ser observado é Segundo Haesbaert (2002, p. 135), “O território envolve as múltiplas formas de apropriação do espaço” e que neste a mobilidade é controlada, com o intuito de mapear e indicar percursos, o que no caso do território cultural não tem dado muito resultado. As mobilidades têm proporcionado/gerado a desterritorialização cultural, um desenraizamento simbólico-cultural. Appadurai (1999, p. 318) afirma que “a desterritorialização é uma das forças básicas do mundo moderno”.

Desta maneira, a cultura para ser compreendida precisa ser re-territorializada, pois toda desterritorialização é seguida de uma re-territorialização, como movimento único. “A desterritorialização tem a virtude de afastar o espaço do meio físico que o aprisionava, a reterritorialização o atualiza como uma dimensão social. Ela o ‘localiza’. Estamos, pois distante da idéia de ‘fim’ do território” (ORTIZ, 1999, p.65).

Pois como afirmou Haesbaert, os lugares não estão simplesmente perdendo identidades, relações, história. Tal como em relação à territorialidade, cada vez mais múltipla, eles muitas vezes estão se redefinindo pela multiplicidade de identificações, relações e história que possam incorporar.

Vivemos em um mundo em que tudo está interligado por redes, seja de comunicação, de economia, de culturas, como assegura Milton Santos (2008, p. 333)

Do mesmo modo que não há um tempo global único, mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização, espaços mundializados reunidos por redes.

Essa é a lógica da globalização fortalecida pela existência dos blocos econômicos como União Européia, Nafta e Mercosul, dentre outros. As redes de comunicação também são decisivas para a existência desses ‘espaços da globalização’.

Bhabha defende a existência do espaço global, numa dimensão maior, para o autor a existência deste está ligada a uma unificação, mesmo que seja simbólica, mas sem divisão. Já para Milton Santos não há como se pensar esse espaço totalizante, mas como fragmentos, talvez blocos, como no caso da economia.

Considerações finais

Quando tratamos de espaço somos forçados a abordar outras questões que estão ligadas a este de alguma forma. Como o espaço não é homogêneo, ele é resultado das ações econômicas, sociais e culturais coletivas, não pode ser visto como um conceito isolado, mas que só pode ser entendido a partir da interação com os demais fatores.

Não é uma tarefa simples tratar de deslocamento/migração, seja entre países, seja dentro do próprio estado-nação, pelo fato de ser um ato quase sempre forçado, hoje não mais pela busca de exílios políticos ou por fuga de guerras, mas por busca de condições financeiras melhor, fuga de fome e de condições adversas várias.

A trilogia de Antônio Torres traz essas questões na história do personagem Totonhim que é um nordestino que saiu do interior da Bahia com o intuito de construir uma nova história, de mostrar que é possível ter uma situação financeira estável e que o nordestino também é capaz de ascender socialmente.

Pelo fato dos espaços não serem homogêneos, evoluem de forma desigual e a difusão dos objetos modernos e o aparecimento das ações modernas não se dá da mesma maneira em toda parte. As vezes por causas políticas, como foi o caso do desenvolvimento desigual entre Sudeste/Nordeste, outras por razões climáticas, que também contribuiu para a disparidade entre essas regiões.

Procuramos com este estudo abarcar e compreender questões como a situação dos povos colonizados, como é o caso da nação brasileira, na dimensão dos Estudos Pós-Coloniais, deslocamento, fronteiras, globalização, bem com os demais conceitos que emergem quando tratamos de espaço cultural e território nacional.

Referências

- APPADURAI, Arjun. “Disjunção e diferenças na economia cultural global”. In: FEATHERSTONE, Mike (Coord.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Tradução de Attilio Brunetta. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- EAGLETON, Terry. *Depois de teoria*. São Paulo: Record, 2005.
- FOULCAULT, Michel. Outros espaços. In: ____. DITOS & ESCRITOS III – Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. São Paulo: Editora contexto, 2002.
- ORTIZ, Renato. “Um outro território”. In BOLAÑO, C. R. S. (Org.), MIÈGE, B. et al. *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: EDUC; São Cristóvão: Editora UFS, 1999.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- TORRES, Antônio. *Essa terra*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WALTER, Roland. *Narrative Identites: (Inter)Cultural In-betweenness in the Americas*. Bern/ Berlin/New York: Peter Lang, 2002.
- WALTER, Roland. Transferências interculturais: notas sobre trans-cultura, multi-cultura, diásporas e encruzilhadas. *Sociopoética*, v.1, p. 63-74, 2006.

